

EHRENREICH, Barbara. Miséria à americana: vivendo de subempregos nos Estados Unidos. Tradução de Maria Beatriz de Medeiros. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 252 p.

DOI: <https://dx.doi.org/10.26694/2764-1392.6726>

Francisco Thainan Diniz Maia¹

Resenha recebida em 12/5/2025. Aceita em 26/5/2025.

A obra em tela foi fundamentada na curiosidade da autora e Jornalista Barbara Ehrenreich, acerca das possibilidades de sobrevivência de uma parcela relevante da população norte-americana, aquela não mostrada em séries ou filmes e que, dado esse processo cultural, “não existe” na maior potência econômica mundial: a classe pobre, que sobrevivia à época com os baixos salários de US\$ 6,00 a US\$ 7,00 por hora, através de empregos não especializados. Apesar de não presentes no processo de difusão cultural, cerca de 30% dos trabalhadores americanos compunham essa faixa da pirâmide de rendimentos.

Diante desse “problema de pesquisa” (termo utilizado pela autora), a jornalista se propôs a deixar seus títulos acadêmicos (Ph.D. em Biologia, por exemplo) e buscar empregos mal pagos sem especialização em três estados norte-americanos entre os anos de 1998 e 2000. Suas diretrizes, seguidas para viver realmente essas condições de vida, são apresentadas logo na introdução do livro: i) nenhuma habilidade da carreira de Jornalista poderia ser utilizada para conseguir uma melhor remuneração ou posto de trabalho; ii) deveria aceitar as propostas com maior remuneração; iii) a acomodação deveria ser condizente com o recebido no emprego, mas segura e com garantia de privacidade. Nesses termos, a autora saiu em busca de uma migração voluntária de classe social, na qual agora seria servida pela desesperança de ser escrava do salário, ao menos temporariamente.

Evidentemente, essa questão trazida por Ehrenreich não está no limbo histórico. Durante o período em questão, a sociedade norte-americana discutia a reforma social da *Era Bill Clinton* (presidente dos Estados Unidos entre 1993 e 2001), marcada pela retórica de que um americano ao conseguir um emprego estava garantindo seu passaporte para uma vida melhor. Contrariada com tal tipo de argumento, a autora elaborou o livro justamente para fornecer o ponto de vista de quem vive a miséria americana na pele.

¹ Doutorando com bolsa de Demanda Social CAPES em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Graduado e Mestre em Economia e Desenvolvimento pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Docente de Economia Internacional na Faculdade de Tecnologia Dr. Archimedes Lammoglia. E-mail: f240139@dac.unicamp.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4114-4089>

A primeira experiência laboral de Barbara no contexto da miséria americana é retratada no primeiro capítulo, após a introdução: ela busca o desenvolvimento de sua nova vida na cidade de Key West (estado da Flórida). O desafio inicial era conseguir um quarto para alugar e se instalar — aqui a autora utilizará uma parcela da renda reservada para esse primeiro movimento. Com a perspectiva da remuneração citada anteriormente, a autora buscou um quarto com cozinha por até US\$ 500,00 por mês, o que só conseguiu após inúmeras tentativas e a 50 km de distância do centro da cidade.

Tem-se aqui o primeiro choque para um desconhecedor do funcionamento do mercado de trabalho para os não-qualificados: as perguntas realizadas durante as entrevistas de emprego. Diferentemente do emprego administrativo, as ocupações de menor remuneração exigem que o postulante a empregado forneça informações sobre sua honestidade, quantidade de crianças (filhos e filhas) e pais, se compra ou se já comprou algum tipo de mercadoria de origem duvidosa e se já cometeu pequenos crimes ao longo de sua carreira. Passado o custoso processo de entrevistas, o emprego conseguido foi o de garçoneiro, que remunerava US\$ 2,43 por hora (mais as gorjetas).

Durante sua experiência, foram fornecidos diversos relatos latentes sobre a vida dos empregados. Uma análise particularmente interessante foi feita sobre o gerente do lugar em que estava ocupada: segundo o relato de Ehrenreich, a figura do gerente era utilizada para fiscalizar a “preguiça” e o roubo dos funcionários, sob a desculpa do bom funcionamento do estabelecimento. Ele poderia limitar as idas ao banheiro, evitar que os empregados ficassem sentados (mesmo que por curtos períodos de tempo) e ocasionalmente exigir exames de urina para identificação do uso de drogas. Sob o ponto de vista do trabalhador não habituado, a figura do gerente exercia via corporação uma violência — no sentido antropológico — laborativa e não raro até pessoal sobre o trabalhador.

Quanto à remuneração, esse primeiro emprego em Key West tinha a média semanal de US\$ 5,47 por hora (incluindo as gorjetas), o que impossibilitava o pagamento do aluguel do quarto distante conseguido por Barbara. Ao desabafar sobre isso com os colegas do trabalho, verificou que praticamente todos dali dividiam a residência, eram casados e/ou possuíam dois empregos.

Diante disso, ela busca uma segunda ocupação. Após consegui-la, atuou nela apenas por dois dias, dado o longo período gasto com transporte somado ao tempo integral do primeiro emprego. Há uma impossibilidade de manter a rotina exigida.

A única alternativa foi mudar para um *trailer* ao custo de US\$ 550,00 situado em um estacionamento próximo do restaurante em que trabalhava, o que, apesar de mais caro, possibilitou um segundo emprego de arrumadeira de hotel que remunerava a US\$ 6,10 por hora. Segundo as estatísticas oficiais da época, isso era comum para os trabalhadores americanos. Em 1996, por exemplo, quase 7% da força de trabalho total tinha dois empregos para poder subsistir. Após assistir e aprender os ofícios de garçoneiro, sofrer as exigências físicas, observar a violência gerencial, casos de xenofobia e muita solidariedade entre os trabalhadores para conseguirem lidar com suas vidas financeiras, Barbara partiu para outro local, dessa vez, buscando experiência semelhante na cidade de Portland (estado do Maine).

Segundo a autora, o local geográfico foi o escolhido por ser relativamente sem imigrantes, com trabalhadores predominantemente de origem anglo-saxã, realidade bem distinta da encontrada na Flórida. Por meio dessa característica, é possível notar que a autora buscou considerar também os efeitos que a raça e a etnia podem exercer sobre o mercado de trabalho.

O leitor é notificado também que os custos de vida entre os estados americanos diferem bastante. Os aluguéis da região central de Portland eram superiores a US\$ 1.000,00 e, mesmo nas regiões mais distantes do centro, ainda apresentavam preços mais elevados que Key West (Flórida); isso também era válido para a comida e os quartos de hotéis. A autora enfatiza ainda que a remuneração da classe trabalhadora não qualificada, apesar dos maiores custos de vida, recebia em média de 6 a 7 dólares por hora, valores muito próximos ao que foi observado na Flórida.

Barbara não conseguiu o aluguel de um quarto com cozinha aos preços previstos de início. Na verdade, após alguns dias vivendo em Portland e lendo as notícias da região, identificou uma crescente valorização dos imóveis no Maine, ficando ainda mais surpresa quando identificou, conversando com alguns especialistas imobiliários, que os trabalhadores mais pobres não têm alternativa a não ser um dos escassos quartos oferecidos por programas sociais do governo (o que era inviável dado os poucos meses que permaneceria ali) ou, alternativamente, alugar algum quarto de hotel — que era o que a maioria dos trabalhadores não qualificados fazia.

Os elevados custos da cidade forçaram a autora a residir em dois hotéis ao longo de sua jornada até encontrar um quarto para alugar e, paralelamente, trabalhar em dois empregos. O primeiro deles foi como cuidadora de um asilo, por US\$ 7,00 por hora. O segundo foi como funcionária de uma empresa de limpeza, por US\$ 6,65 por hora. Ainda assim, em um de seus

primeiros finais de semana, devido ao atraso de pagamentos da empresa de limpeza, Barbara precisou buscar alimentação em abrigos para moradores de rua e desempregados.

Observando principalmente as trabalhadoras de limpeza, notou que suas respectivas condições de vida eram precárias: seus almoços eram limitados a pequenos sanduíches, salgadinhos ou rosquinhas dadas gratuitamente pela empresa uma vez no início da semana para guardarem para alimentação ao longo dessa semana. Certa vez, ao esquecerem o cartão de pedágio, viu as funcionárias discutindo para juntarem US\$ 0,50 para pagá-lo. Grande parte dessas trabalhadoras (todas eram mulheres, exceto o gerente) fumava e, quando tinham tempo para fumar meio cigarro, guardavam a outra metade no maço para fumá-lo mais tarde.

Os serviços dessas trabalhadoras expõem alguns pontos tocantes à miséria americana. Por exemplo, quando estavam doentes, trabalhavam mesmo assim, para não correrem o risco de descontos de horas que fariam falta para o orçamento familiar. Algumas desenvolviam alergias aos produtos de limpeza e nem se queixavam, aguentando os sintomas em busca do sustento.

Ao mesmo tempo em que os problemas físicos se desenvolviam ao longo da jornada, a autora trouxe as transformações mentais que o processo nesses tipos de trabalho implica. As mulheres retratam o confronto interno da significância da existência, tentam sair dali algum dia, pelo simples fato de tentar serem “alguém” na vida dentro da lógica do sistema capitalista. O resultado do trabalho exercido por elas é considerado invisível: todos os donos de residências faxinadas não sabem o rosto ou o valor por trás de um sanitário limpo, e até mesmo a classe trabalhadora tenta exercer um ar de superioridade frente a elas. Um relato interessante são as próprias garçonetes com desdém em relação às trabalhadoras da limpeza.

A empresa organizava o sistema de limpeza em etapas e por equipes, de maneira que o “corpo-mole” de uma faxineira resultasse em mais trabalho para outra, o que motivava a fiscalização por elas mesmas nas residências que atuavam. Diversos problemas de saúde relacionados à má alimentação e à postura para a realização das tarefas são explanados, além de acidentes de trabalho e casos de abuso de poder econômico, nos dando claras evidências quanto às contradições de viver o propagado “sonho americano”.

Em um terceiro momento, Barbara Ehrenreich segue sua pesquisa em outra localidade. A autora passa a observar a dinâmica no estado de Minnesota. Diferentemente dos dois primeiros casos, Flórida e Maine, Barbara é forçada a residir toda essa jornada em hotéis (cujo padrão era bem baixo, até para a baixa renda) dada a crise de moradias populares em Minnesota ser ainda mais severa do que a observada no Maine.

Os pobres da região, em sua maioria, também moram nesses hotéis. Barbara segue novamente o processo seletivo para bons empregos: i) formulários; ii) entrevista; iii) exame antidrogas em um fluxo contínuo. Aqui, a autora explicita os gastos que o trabalhador tem para se recolocar no mercado de trabalho. Segundo ela, alguns de seus colegas, quando questionados sobre as escolhas dos empregos, apenas alegam que escolheram o primeiro em que foram chamados.

Barbara aponta que a pobreza estabelece um fluxo em que as condições materiais não permitem que o trabalhador seja minimamente seletivo quanto às propostas de remuneração, ou seja, a urgência gerada pelas necessidades cotidianas praticamente impede escolher um emprego. Segundo essas trabalhadoras, o próprio fluxo de contratação, efetuado por etapas em dias diferentes, é um agravante que força esse tipo de escolha, o que, sem dúvida, é aproveitado pelas empresas.

Barbara então descreve a vida de um trabalhador no estado do Minnesota, em especial quanto às políticas antissindicalistas das empresas e o pagamento de US\$ 7,00 por hora, bem abaixo dos US\$ 11,77 recomendados para a sobrevivência nessa região. Na rede *WalMart*, onde trabalhou, a pesquisadora encontrou os mesmos problemas que as empresas de limpeza e os postos de garçoneiro apresentavam, relatando abusos de poder através da vigilância de gerentes, mecanismos de competição e fiscalização entre os próprios trabalhadores fomentado por punições coletivas, diferenciações de funções fundamentadas na etnia e, por fim, abusos realizados pelos próprios clientes como, por exemplo, enxergando no trabalho apenas funções a serem exercidas e não propriamente uma pessoa.

Em linha com os outros empregos exercidos, a remuneração era insuficiente para a subsistência plena. O americano médio retratado na pesquisa de Barbara está bem distante daqueles difundidos pelo ideário cultural propagado pela mídia em filmes e séries, por exemplo. Observou pessoas mal pagas e sem especialização tendo que lidar com a fome, as extensas jornadas de trabalho, a baixa remuneração, os abusos de poder e as jornadas até mesmo triplas de trabalho. A partir desses aspectos, cabe a indagação crítica: quem é realmente livre na famosa terra da liberdade retratada mundo afora?

Nesse sentido, o desenvolvimento da obra nos mostra que cada emprego representa um mundo social fechado, com sua hierarquia, costumes e padrões totalmente particulares. Uma imersão na vida dessa classe oculta norte-americana mostra a incrível matemática e arranjos rotineiros que os trabalhadores têm que exercer para garantir a sobrevivência e para alimentar sua família. Dentre os diversos macetes, destaca-se o aprendizado de poupar energia físico-psíquica para ser utilizada no(s) turno(s) de trabalho(s) seguinte(s).

Além dessas e de outras dificuldades no trabalho, há o testemunho implícito para o leitor mais atento do processo de gentrificação laboral, que empurra trabalhadores de baixa remuneração para longe de seus postos de trabalho — a alta dos aluguéis é um fator determinante nesse sentido.

O sistema dito democrático e livre torna pessoas escravas do trabalho e com determinações muito limitadas para a escolha de seu posto laboral. Apesar do crescimento de produtividade dos anos 1980 e 1990, os salários seguiram tendo perdas reais. Quando pressionadas, as grandes corporações oferecem de tudo (cafés gratuitos, aumento de jornada, alguns poucos bônus em ações, *etc.*), exceto elevações salariais, que em teoria são mais difíceis de serem retiradas em uma retração econômica.

O livro escrito por Barbara Ehrenreich é uma análise interessante dos fenômenos observados no mercado de trabalho de baixa remuneração na sociedade americana do fim da década de 1990, apresentando- nos problemas observados até os dias hodiernos. Serve como convincente resposta aos argumentos levantados pela política social da *Era Bill Clinton*, qual seja: empregos de baixa qualificação não são suficientes para sustentar um trabalhador americano médio; quiçá uma mãe solteira — caso de Barbara enquanto trabalhadora mal remunerada sem especialização — na principal potência capitalista.